**USO DA EMPATIA NA ÁREA DA SAÚDE: UMA REALIDADE NÃO VIVENCIADA**

Danielli Regina da Silva¹; Enzo Lustosa Campos²; Geovanna Vivaldo de Jesus Freitas³

Orientadora: Luciana Maria da Silva¹

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais; ²Universidade Federal de Jataí, Jataí, Goiás; ³Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO: A empatia é a capacidade psicológica, cognitiva e afetiva de se colocar no lugar do outro, de modo a compreender suas emoções e situações vivenciadas de forma racional, ausentando-se de julgamentos. Nesse sentido, a relação médico-paciente carece de uma visão diferente do modelo biomédico, pois um ambiente propício para uma comunicação compreensiva entre ambos promove uma visão holística e integral do indivíduo e conduz a um completo bem-estar social, psíquico e biológico. No entanto, embora a empatia seja difundida e estudada, sua prática parece não ser totalmente efetivada. OBJETIVOS: realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o tema empatia, a fim de elucidar sua relevância no contexto médico e na construção de um processo comunicacional mais compreensivo e, principalmente, ativo. Ademais se pretende compreender o benefício da adoção de disciplinas humanísticas na grade curricular dos cursos de medicina. Os termos utilizados para realização da busca foram: Empatia; Relação Médico-Paciente; Formação Humanística. Foram incluídos estudos publicados em periódicos indexados, redigidos em português e publicados entre 2004 a 2020. Dez artigos científicos compuseram o corpus da análise. REVISÃO: Os dados sobre a importância da empatia, da humanização do cuidado e da comunicação ativa e bidirecional na área da saúde demonstraram que médicos e acadêmicos sentem dificuldade para criarem laços empáticos com seus pacientes. Em uma concepção mecanicista do organismo humano, partindo da visão dualista mente e corpo, a abordagem do indivíduo tornou-se técnica, sendo o conceito de saúde visto apenas como a ausência de doenças físicas imutáveis, que se expressariam por um conjunto de sinais e sintomas tratado por alguma intervenção médica concreta e fisiológica. Esse modelo tornou a medicina curativa, hospitalocêntrica e distante do indivíduo. Nesse sentido, é notável que a comunicação empática e bidirecional para com o paciente deve ser lecionada no contexto formativo como parte das tecnologias utilizadas para o tratamento do ser humano integral. A escuta ativa, a comunicação sem julgamentos e a sensibilização para com as questões integrais do paciente são necessárias para as mudanças no agir médico. Isto influenciará os atendimentos melhorando diagnósticos, possibilitando maior adesão aos tratamentos, bem como na resolutividade de cada caso. CONCLUSÃO: Compreender a habilidade comunicacional e a empatia como aptidões fundamentais aos profissionais da saúde é de grande relevância na atuação médica holística, visto que essas auxiliam diretamente na relação médico-paciente, técnicas de diagnóstico e aceitação do tratamento. Desta forma, a inserção de disciplinas humanísticas como antropologia, ética e psicologia na grade curricular de cursos de medicina, pode promover uma formação mais empática, propiciando uma atuação mais humanizada dos futuros profissionais da saúde**.**

**Palavras-chave:** Empatia; Relação Médico-Paciente; Formação humanística.